

**PALAVRAS DO TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO  
RODRIGUES, PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES, NO DIA  
29 DE MAIO DE 2022, DIA DAS MISSÕES DE PAZ E HUMANITÁRIAS,  
EM BELÉM.**

Senhora Ministra da Defesa Nacional e Vogal Honorária do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, Dra. Helena Carreiras

Excelência

Num momento em que a conjuntura internacional, em especial a europeia, se debate num ambiente estratégico de guerra, a presença de Va Exa nesta cerimónia de homenagem aos que se bateram e batem em missões de apoio à paz, opondo-se à guerra, é um sinal inequívoco de apoio às Forças Armadas e à sua insubstituível missão, bem como ao seu produto final: os Combatentes e o seu contributo, para a Paz. Os nossos sinceros agradecimentos por se dignar presidir a esta significativa cerimónia.

Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional, Prof Dr. Marco Capitão Ferreira.

Os nossos agradecimentos por mais uma vez nos dar a honra da sua presença. Após a audiência com V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> temos a fundada esperança no apoio para resolução de alguns objetivos e problemas que afectam os antigos combatentes. Senhor Chefe de Estado-Maior do Exército General Nunes da Fonseca, Membro Honorário do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, em representação Senhor Chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas, Almirante Silva Ribeiro.

Senhor Chefe do Estado-Maior da Força Aérea General Cartaxo Alves, membro Honorário do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes

Vice-Almirante Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada, em representação do Senhor Almirante Chefe de Estado-Maior da Armada.

Senhor General Representante do General Comandante Geral da GNR e Senhor Superintendente em representação do Director Nacional da PSP

Senhores Almirantes e Generais presentes e Diretores Gerais

Senhora Vogal da Cultura Turismo e Cidadania da Junta de Freguesia de Belém  
Membros do Conselho Supremo, da Direção Central e do Conselho Fiscal da Liga dos Combatentes

Presidentes de Associações Nacionais e Estrangeiras e de Núcleos da Liga dos Combatentes

Ilustres convidados

Combatentes do Ultramar e das Missões de Paz e Humanitárias, Capacetes Azuis,

Minhas Senhoras e meus Senhores

Hoje, dia 29 de maio de 2022, é dia de, mais uma vez, homenagearmos as Forças Nacionais Destacadas e todos aqueles que nelas participam ou participaram, bem como os que ao seu serviço nelas caíram, no apoio à manutenção ou implementação da Paz. Paz, valor pelo qual vale a pena dialogar e, se necessário, por ele lutar. Fazemo-lo, no ano em curso, condicionados pela guerra no Leste da Europa e pela ameaça verbal real e televisiva, da sua extensão a nível europeu e global, através da utilização de meios da mais elevada tecnologia e destruição, até agora, generalizadamente, considerados dissuasores dessa mesma guerra.

Quebrada a confiança Leste Oeste, conseguida após a queda do muro de Berlim, e que se verificou, melhor ou pior, até ao corrente ano, serão precisos anos até que a mesma confiança um dia possa ser restabelecida.

Entramos, assim, em mais um período da História europeia de instabilidade e insegurança. A “paz eterna”, mais uma vez, terminou. O mundo europeu mais uma vez mudou, alterando-se a estabilidade conseguida, pela dissuasão nuclear, após a segunda guerra mundial. Entretanto, na Europa ocidental, a Dissuasão conseguida deu lugar à Lassidão. A procura do Bem-estar, um dos objectivos e valores superiores de qualquer sociedade, deu lugar ao abandono do objectivo e valor, igualmente superior, dessa mesma sociedade: a sua Segurança. Mas nós portugueses, para garantirmos a segurança de Portugal, não temos que estar preparados para atacar ninguém. Devemos, sim, estar preparados para nos defendermos e contribuirmos para a segurança coletiva.

Defendermo-nos de ameaças, em que a verificação de intenções e possibilidades para as concretizar, apontam para a tentativa de uma utópica Eurásia política, de Lisboa a Vladivostok.

Defendermos o território Nacional de ameaças, em que a verificação de intenções e possibilidades para as concretizar, apontam para a hipótese de emprego de mísseis que podem cair em Londres, Paris ou Nova Iorque e porque não em Madrid ou Lisboa.

Defendermo-nos de quem nos considera país hostil. Situação que não vivíamos há mais de duzentos anos.

Defendermo-nos de quem ameaça o mundo de que se perder a guerra que iniciou, no leste da Europa, será o início da terceira guerra mundial.

Defendermo-nos da ameaça provocadora de crise económica mundial e da ameaça de maior destabilização geopolítica.

Enfim, defendermo-nos de ameaças paranóicas e da paranóia das ameaças. Já não de riscos ou desafios. Não podemos, pois, estar preparados, apenas, para

participar com meios humanos na defesa da Europa, longe do território nacional, quando, não estaremos preparados para a defesa desse território terrestre, marítimo e aéreo e sua população, face aos meios modernos da guerra que minimizam a sua privilegiada posição estratégica. Não estamos preparados em meios humanos e materiais, tal como a Europa ocidental reconhece não estar. Mas estamos alertados, para tal facto, por Sua Exa o Presidente da República, mais uma vez através dos seus discursos no dia 9 de abril de 2022, Dia do Combatente, na Batalha, e no dia 25 de abril, na Assembleia da República. Mas estamos preparados, sim, doutrinária e conceptualmente.

Quanto aos meios humanos, a Constituição é clara quanto à obtenção de tais meios, estabelecendo, no artigo 276, que a defesa da Pátria é direito e dever de todos os portugueses e que o serviço militar é regulado por lei que fixa as formas, a natureza, a duração e o conteúdo da referida prestação. Importará, pois, que a referida lei esteja atempadamente, adaptada às circunstâncias. Quanto aos meios materiais, haverá que ter em consideração a análise dos meios empregues nas guerras e conflitos do século XXI e definir as prioridades dos meios de dissuasão e de defesa a atribuir às Forças Armadas portuguesas, por aquisição, aliança ou fabrico, incluindo a modernização da política das indústrias nacionais de defesa. Em termos realistas os 2% do PIB poderão não ser suficientes para a obtenção de alguma tranquilidade e credibilidade. Em plena guerra fria os 3% do PIB eram o objetivo definido, na Europa.

Temos conhecimento da importante, oportuna e detalhada intervenção da Senhora Ministra da Defesa Nacional na Assembleia da República, quando, recentemente, na discussão do orçamento da Defesa Nacional para 2022, reafirmou a prioridade atribuída às Forças Armadas assegurando os objectivos estratégicos consagrados no programa do governo e, simultaneamente, respondendo às novas exigências impostas à Defesa Nacional e à segurança internacional, pela guerra da Ucrânia.

Estruturando o orçamento da Defesa Nacional em três eixos fundamentais: - As pessoas, o reforço das capacidades das Forças Armadas e a sua participação ativa na segurança internacional. Temos igualmente conhecimento das Directivas, ao mais Alto Nível, dos 3 Ramos das Forças Armadas. Por outro lado, o EMGFA, na pessoa do seu Chefe de Estado-maior General, Almirante Silva Ribeiro, de acordo com os meios disponibilizados, definiu a utilização das Forças Armadas, no Âmbito da NATO, em 2022. Definiu igualmente, em Directiva Estratégica, o seu conceito e ambição para as Forças Armadas 2022 a 2032. Nesta última Directiva a preocupação orientadora permanente é Inovação, Inovação, Inovação.

Estabelecendo como objectivo estratégico, no período, a dinamização da inovação e da transição digital das Forças Armadas.

Cumpra-se então a Inovação, na linha do reforço e dinamização das capacidades científicas e tecnológicas nacionais, em linha com o estudo da lei que a constituição estabelece quanto aos meios humanos necessários.

Aguardemos os futuros Conceitos Estratégicos da NATO e da Defesa Nacional, a sua consequência na Lei de Programação Militar e nos futuros Orçamentos de Estado, do País. Só depois disso, teremos, ou não, garantia de que as nossas Forças Armadas virão a ter meios para que, um dia, não lhes volte a ser determinado, como outrora, que cumpram missões militares de defesa em terra, no mar ou no ar, sem que lhes tenham sido dados os mínimos meios humanos e materiais para o efeito.

Os cenários que se nos deparam são realistas demais para que não utilizemos o tempo a nosso favor. A esse respeito, referirei para exemplo, que o ambiente estratégico de guerra que hoje se vive, bem como a nossa ambição relativamente à segurança do mar que ambicionamos controlar, e a própria contribuição para a segurança colectiva, tornam certamente mais evidente aos críticos, a importância de termos, hoje, a nossa Marinha, dotada com submarinos.

Minhas senhoras e meus senhores

Mesmo que a actual guerra, por outros, por conveniência interna, designada por operação especial, termine, como todos desejamos, logo se admitirá por parte dos mais optimistas, o imediato baixar da guarda, mas para os mais realistas, continuarão reais e presentes, os efeitos de uma ameaça paranóica e de uma paranóia das ameaças que continuarão a existir e poderão agudizar a qualquer momento, dando origem à agressão.

A Confiança até há pouco tempo vivida, continuará por restabelecer, sem tempo definido para que tal aconteça. A insegurança, instabilidade e imprevisibilidade criadas vão manter-se, por longo período. Uma defesa militar adequada, dos países da Europa, em terra, no mar e no ar, é pois, a garantia fundamental para a sua Segurança, e manutenção dos seus valores superiores democráticos, de Bem-estar, de Justiça e de Liberdade.

O histórico guarda-chuva atlântico, que abriu na Grande Guerra, na 2ª Guerra Mundial e na Guerra da Ucrânia, um dia poderá ter dificuldade em abrir. É realmente importante que os países europeus reforcem adequadamente o seu guarda-chuva, reforçando assim a aliança atlântica que os une.

Como Presidente da Liga dos Combatentes, e como Combatente da Guerra do Ultramar, apelo à Paz e ao diálogo entre as nações. O espectáculo a que vimos assistindo, sentados em nossa casa frente à televisão, não é nenhuma ficção. É

uma terrível e dantesca realidade, em que é difícil acreditar possa acontecer no século XXI.

Há cidades e cidadãos europeus com seus bens e vidas, desumana e dramaticamente destruídos ou que morrem condicionados por uma geopolítica, expansionista, autoritária e alarmista, e pelo desrespeito do princípio de que cada povo tem o direito de escolher o seu próprio destino. Foi no respeito desse princípio que saímos do ultramar, vendo então, quem hoje desrespeita esse princípio, incentivar-nos, activamente, para que o fizéssemos.

Portugal, ainda em tempo de Paz, mas actor activo participante na guerra, e já com algumas represálias, deve realmente preparar-se para continuar a participar na defesa colectiva e para se defender de possíveis e até prováveis futuros tempos de crise e guerra, em terra, no mar ou no ar, e ser militarmente credível e sustentável, à sua dimensão, no seio do mundo a que pertence. Enfim, é importante reflexão profunda, pensamento estratégico realista, verosímil e convincente que conduza a acção política correspondente e coerente, para salvaguarda real da Paz.

Meus senhores e minhas senhoras

Hoje é dia de homenagearmos aqueles que têm dignificado as Forças Armadas, no estrangeiro, cumprindo superiormente as suas missões, ao serviço da Paz. Quer ao serviço da ONU, quer ao serviço da EU quer da NATO, quer em acções de cooperação com países amigos.

Hoje é dia de nos curvamos perante a memória dos que caíram ao serviço de Portugal nas Forças Nacionais Destacadas. É dia de homenagearmos a acção dos três Ramos das Forças Armadas, nomeadamente as suas unidades de comandos, fuzileiros, paraquedistas e forças especiais, não esquecendo a acção das forças da GNR e da PSP.

Por isso hoje, estamos aqui, mais uma vez, nesta já tradicional cerimónia de homenagem que iniciámos em 2004, na linha da evocação estabelecida pela ONU, no dia 29 de maio, para os Capacetes Azuis.

Por isso hoje, no Museu do Combatente, teremos seguidamente a visita a uma exposição referente a acção dos Comandos, Paraquedistas e Fuzileiros nas missões de Paz e Humanitárias.

Pelas 15h00, de acordo com o Programa, ocorrerá uma Tertúlia, “Experiência de todos para todos” com intervenção de elementos experientes das mesmas forças especiais, e das forças de segurança.

Termino agradecendo, a todos, a vossa presença bem como ao General Hermínio maio a sua imediata disponibilidade, para estar connosco trazendo a sua longa experiência relativamente a Operações de Apoio à Paz, em que participou. Iremos ouvi-lo seguidamente.

*Vivam as Forças em Missões de Paz e Humanitárias*

*Vivam as Forças Nacionais Destacadas*

*Viva a Paz.*

*Vivam os Combatentes por Portugal*

*Viva Portugal*

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, TGen